



Consciência morfológica: o emprego de sufixos agentivos por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização

Morphological Awareness: the Use of Agentive Suffixes by Illiterate Children and Children in the Literacy Process

Veridiana P. Borges

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil
profa.veridianapborges@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4130-1902>

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil
carmen.matzenauer@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4505-7521>

Resumo: O foco deste estudo foi a verificação da consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, avaliada por meio da aplicação de uma tarefa de produção dos sufixos *agentivos* *-or*, *-eiro*, *-ista*. A consciência morfológica é a habilidade de manipulação das menores unidades de sentido de uma língua, os morfemas, e de reflexão sobre essas unidades. O *corpus* foi obtido por meio de entrevistas com 16 crianças, 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, divididas em dois grupos: Grupo 1, com crianças não alfabetizadas (idade entre 4 e 5 anos); Grupo 2, com crianças em processo de alfabetização (idade entre 6 e 7 anos). A análise voltou-se para a manipulação de morfemas evidenciada pelo emprego de um morfema por outro com o mesmo valor agentivo. Os resultados mostraram o crescimento gradual da capacidade de análise da estrutura morfológica das palavras, condicionado pela idade e pela escolaridade, embora essa habilidade já se mostre presente desde a primeira faixa etária estudada, o que se interpreta como a presença precoce de um nível de consciência morfológica já na idade de 4 anos – desde essa idade as crianças já manipulam sufixos agentivos, formando palavras que não seguem a estrutura convencional da língua.

Palavras-chave: aquisição da morfologia; consciência morfológica; sufixos agentivos.

Abstrat: This study aimed at investigating morphological awareness of children who were either illiterate or going through their literacy process by applying a production task with agentive suffixes *-or*, *-eiro*, *-ista*. Morphological awareness is the ability to reflect on the smallest units of meaning in a language, the morphemes, intentionally applied to the structuring and recognition of words. The corpus was obtained through interviews with 16 children, 8 male and 8 female, divided into two groups: Group 1: preliterate children, aged between 4 and 5 years; Group 2: children in the process of literacy, aged between 6 and 7 years. The analysis focused on the manipulation of morphemes evidenced by replacing a morpheme with another with the same agentive value. Results showed gradual building of morphological awareness as children's ages and contact with the literacy process increase, although it had already been present in the first age group that was part of the study. This fact is interpreted as the precocious presence of a level of morphological awareness at the age of 4, when children start to manipulate agentive suffixes and form words that do not follow the conventional structure of the language.

Keywords: acquisition of morphology; morphological awareness; agentive suffixes.

Recebido em 09 de julho de 2021

Aceito em 22 de novembro de 2021

1 Introdução

A aquisição da linguagem¹ é um campo de investigação que tem mostrado tendências universais na construção das gramáticas-alvo, que são aquelas assumidas pelas diferentes línguas. Estudos sobre fonologia, sintaxe, morfologia, entre outros, revelam como a criança opera até chegar à gramática de um falante adulto, evidenciando as tendências gerais, bem como as particularidades vinculadas ao funcionamento de cada sistema. No entanto, as investigações que têm o foco no âmbito morfológico ainda são escassas e carecem de exploração, conforme revelam Bassani e Soares (2021), Corrêa (2018), Borges, Mazzaferro e Matzenauer (2018), Ferrari Neto (2012).

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

Nesse contexto, este artigo apresenta algumas considerações sobre o processo de desenvolvimento da consciência morfológica na aquisição do português brasileiro (PB). A consciência morfológica, que, para Carlisle (1995, p.194), é a habilidade que o falante possui de refletir acerca dos morfemas da língua, tem sido objeto de pesquisas especialmente vinculadas aos processos de alfabetização, de leitura e de aquisição da escrita, como se observa em Durão (2016), Mota (2009, 2012), Kirby JR *et al.* (2012).

Reflexões nesse campo do conhecimento, questionando como essa habilidade se desenvolve no gradual processo de aquisição da língua, em que momento começa a emergir e quando começa a ser um processo consciente, são capazes de auxiliar no entendimento da complexa natureza do fenômeno do desenvolvimento linguístico pelas crianças, além de oferecer subsídios para educadores, constituindo-se em relevantes possibilidades de pesquisa, especialmente ao tratar-se do português do Brasil, em que os estudos com esse foco ainda são escassos.

Berko (1958) revela ser evidente que a aquisição da linguagem é mais do que o armazenamento de enunciados ensaiados ou palavras memorizadas, já que as crianças são capazes de compreender as frases que lhes são dirigidas e são capazes de produzir palavras que nunca ouviram antes. Nesse sentido, exemplos de fala de crianças, como *desabrir, desabagunçar, borrachar* (LORANDI, 2006, p. 48-50) ou como *ela é pobra; pai careco, prédio idioto* (FIQUEIRA, 2005, p.37), estas com o emprego de flexão de gênero, mostram a criatividade da criança ao usar morfemas para criar formas flexionadas ou para criar novas palavras, as quais, embora não integrem o léxico dicionarizado da língua, são previsíveis pela gramática, portanto, possíveis de existir, porque trazem unidades morfológicas pertencentes à língua, bem como respeitam possibilidades combinatórias e hierárquicas da gramática. Ao criá-las, a criança já evidencia capacidade de operar com morfemas, o que está reconhecido nesses estudos, mas as análises não se detêm em considerações sobre a consciência morfológica.

Borges (2015) defende que as crianças de 4 anos já possuem algum nível de consciência morfológica, ao mostrarem capacidade de manipular os morfemas, por exemplo, ao criar pseudovocábulos a partir das unidades licenciadas pela língua. Sendo assim, verificou que a consciência morfológica é uma capacidade adquirida de forma progressiva, que vai aumentando com a idade das crianças e, de modo particular, com o contato com o processo de alfabetização.

Com o interesse voltado para o processo de aquisição da estrutura interna da palavra e para a consciência de aspectos dessa estrutura, o objetivo do estudo aqui relatado foi verificar a consciência de morfemas derivacionais em crianças não alfabetizadas, com idade entre 4 e 5 anos, e em crianças em processo de alfabetização, com idade entre 6 e 7 anos. Partindo-se da hipótese de que o emprego de um morfema em lugar de outro pode ser tomado como evidência de que a criança está manipulando morfemas e de que deles está tendo consciência, optou-se pela aplicação de um teste de produção de palavras derivadas por sufixação. A tarefa aplicada eliciava a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*. Entende-se que o emprego de morfema diferente do convencionalizado pela língua, na busca do mesmo significado, mostra que a criança analisa a estrutura interna da palavra e que o uso precoce de palavras sufixadas de acordo com o alvo pode indiciar uma estrutura não analisada morfologicamente.

A definição dos informantes da pesquisa, divididos em dois grupos (crianças em processo de alfabetização e crianças não alfabetizadas), foi condicionada pelo interesse em verificar-se a possível relação entre o desenvolvimento da consciência da morfologia e o processo da alfabetização. Em havendo essa relação e tendo em vista o fato de a criança alfabetizada apresentar consciência da aplicabilidade/funcionalidade dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or* na língua, poderia inferir-se que essa capacidade potencializa o desempenho do aluno tanto no processo de produção textual, como no processo da leitura – esse fato, no entanto, está além do escopo do presente estudo. O presente trabalho apresenta, portanto, um campo de investigação teórica com implicações que podem ser exploradas em sala de aula, a fim de potencializar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos no processo de escrita e de leitura.

Para sustentar as análises, foram acionados conceitos sobre a aquisição da morfologia, sobre a morfologia da língua, com uma breve descrição acerca dos sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*, bem como sobre o desenvolvimento da consciência morfológica no âmbito da aquisição da linguagem. A seção subsequente aborda fatos relevantes do aporte teórico do estudo.

2 Considerações teóricas relevantes para o estudo

Trazem-se aqui algumas considerações acerca do processo de aquisição do componente morfológico de um sistema linguístico, acerca da morfologia do português, bem como acerca da consciência morfológica.

2.1 Sobre a aquisição da morfologia

Ao considerar os primeiros passos do desenvolvimento morfológico no processo de aquisição da linguagem, Clark (2001) afirma que as crianças, ao produzirem seus primeiros vocábulos, geralmente entre 12 e 20 meses de idade, são capazes de apresentar modulações morfológicas sistemáticas nas palavras já em seu primeiro ano como falante de uma língua. Com os substantivos, por exemplo, as crianças começam a adicionar morfemas para marcar distinções como gênero e número; já com os verbos, adicionam marcadores para tempo, modo, número e pessoa.

Embora cedo emergjam determinadas unidades da morfologia da língua, de acordo com a autora, a criança pode levar vários anos para adquirir o domínio pleno dos paradigmas morfológicos de um sistema linguístico, devido a pelo menos três razões:

- a) alguns significados distintos parecem ser mais complexos do que outros e, devido a isso, podem levar mais tempo para serem adquiridos;
- b) determinados paradigmas são irregulares e, por isso, também levam mais tempo para serem aprendidos;
- c) alguns tipos de unidade linguística podem apresentar maior complexidade estrutural do que outros, podendo afetar o processo de aquisição morfológica; sufixos, por exemplo, são adquiridos mais precocemente do que prefixos².

² A precocidade do emprego de sufixos em comparação com prefixos foi corroborada no estudo de Borges (2015), com dados de crianças falantes nativas do PB.

Estabelecendo uma hierarquia na aquisição de unidades morfológicas, Clark (2001, p. 385) revela que as crianças analisam primeiramente a estrutura de palavras, identificando raízes e afixos. Para a autora, as crianças criam novas palavras para preencher lacunas semânticas e, com essa operação, evidenciam ser capazes de manipular os morfemas da língua; constroem uma forma (pseudovocábulo) para o significado que desejam informar. Esse fato aponta para a capacidade que a criança tem de captar, em seu inventário linguístico, as formas licenciadas pela língua, mesmo que o resultado final sejam vocábulos que não fazem parte do léxico da língua alvo.

2.2 Sobre a morfologia da língua

O constituinte morfológico de uma língua tem no morfema a sua unidade básica, identificada, já nos estudos estruturalistas, como a menor unidade portadora de significado³. Camara Jr. (1970) destaca a morfologia como um dos níveis de estudo da estrutura linguística e da formação de palavras de uma língua, tendo o morfema como objeto de análise.

Para Basilio (1987), em uma categorização ampla, os morfemas podem ser identificados como lexicais e afixos. Os morfemas lexicais constituem o cerne do vocábulo (CAMARA JR, 1970, p. 24), veiculando significação referente ao mundo extralinguístico. Essa propriedade de unidade lexical pode ser exemplificada em morfemas como *cant-*, de *cantar*, *vend-*, de *vender* e *ped-*, de *pedir*. Segundo Basilio (1987), os afixos capazes de formar palavras, também chamados morfemas derivacionais, são acrescentados ao morfema lexical e se dividem em prefixos e sufixos. A par destes, há os morfemas flexionais, cuja função é expressar categorias gramaticais, como explica Basilio (1987).

Os morfemas derivacionais, os quais criam, a partir do morfema lexical, novas palavras na língua, são o foco deste estudo. Ao juntar-se aos radicais ou lexemas básicos para a formação de palavras, são, portanto, responsáveis pela criação de novos vocábulos, como estes derivados a partir do morfema lexical *cas-*: *cas-eiro*, *cas-inha*, *cas-ebre*, *cas-arão*.

³ É relevante registrar-se que a unidade tomada como base para a análise pode diferir em razão do modelo teórico adotado: há uma série de estudos que têm a palavra como a unidade privilegiada na morfologia (word-based morphology), tal como Aronoff (1976) e seus seguidores; outros seguem a perspectiva da morfologia baseada no morfema (morpheme based morphology), como é o caso dos estruturalistas e da Morfologia Distribuída, mais atualmente; é a esta segunda corrente que se filia o presente estudo.

Por estar o presente estudo voltado para a derivação sufixal por meio do emprego de afixos agentivos, apresentam-se considerações sobre a noção de morfema-base, sobre o processo de derivação sufixal e sobre os sufixos agentivos *-eiro*, *-ista* e *-or*.

2.2.1 Morfema-base ou radical

Seguindo-se Basílio (1987, p.14) no entendimento de que as palavras derivadas são “constituídas estruturalmente de uma base acrescida de um afixo”, a essa base denomina-se aqui *morfema-base*, a exemplo de Seixas (2007, p.13), Machado (2011, p. 20). O morfema-base majoritariamente identifica-se com o radical da palavra. Basílio (1987, p. 14) refere o radical como a base para a derivação morfológica. Considerando-se as seguintes palavras: *pedra* / *pedreira* / *pedraria*, a sequência *pedr-* representa o morfema-base.

2.2.2 Derivação sufixal

De acordo com Gonçalves (2019, p.136), “derivação é o processo pelo qual uma palavra, chamada derivada, é formada a partir de outra, dita primitiva”⁴. Logo, a derivação sufixal consiste na formação de palavras novas a partir da adição de um sufixo a uma base. Os sufixos são formas presas que, ao serem postas à direita de um morfema-base, derivam novos vocábulos, caracterizando a formação de uma palavra derivada. Conforme Lima (2006), o processo de derivação sufixal é o mais produtivo da língua e também o mais utilizado pelos falantes de PB. É relevante destacar-se que, no processo de derivação sufixal, as palavras podem apresentar alteração da classe gramatical e, de acordo com Monteiro (1991), os sufixos nem sempre se depreendem com facilidade, já que, dando origem a uma palavra nova, passam a também formar uma nova base para derivação.

Apresentam-se, a seguir, rápidas considerações sobre os três sufixos arrolados como objeto do presente estudo, os quais são formadores de substantivos na gramática da língua.

⁴ Vocábulo constituído de um único radical associado ou não a vogais temáticas (GONÇALVES, 2019).

2.3 Sobre os sufixos objeto do estudo

Para este estudo sobre a consciência morfológica em crianças alfabetizadas e em crianças em processo de alfabetização, foram eleitos três sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*.

O sufixo *-eiro*, segundo Basílio (2011), é um dos mais produtivos da língua. Une-se ao morfema-base para formar nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009). Conforme Lima (2006), a produtividade desse morfema é recorrente tanto na fala de adultos, como na fala infantil, o que pode facilitar o reconhecimento e a identificação de seu uso na língua.

O sufixo *-or* adjunge-se ao morfema-base para compor nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009). Segundo Sandmann (2020, p. 52), o sufixo *-or* mostra-se produtivo na língua com o significado de agente ou instrumento (ex.: *cantor*).

O sufixo *-ista* une-se ao morfema-base para formar nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009); tem-se um exemplo em *jornalista*. Segundo Basílio (2011), o sufixo *-ista* também é um dos mais produtivos da língua.

2.4 Sobre a consciência morfológica

De acordo com Carlisle (1995), define-se a consciência morfológica como a capacidade que a criança tem de manipular os morfemas de uma língua e de refletir sobre eles de forma intencional. Para Gombert (1992), esta é umas das capacidades de reflexão e manipulação intencionais da língua que compõem a consciência metalinguística, juntamente com a consciência fonológica e a sintática. Para Machado (2011), a consciência morfológica é a capacidade de reflexão e manipulação intencional da estrutura morfológica das palavras. Já para Tighe e Binder, a consciência morfológica é “a compreensão de que as palavras podem ser divididas em unidades menores de significado, como raízes, prefixos e sufixos” (TIGHE; BINDER, 2015, p. 245). Para Rosa (2003, apud BORGES, 2015, p. 32), a consciência morfológica “é a capacidade de perceber que os morfemas são partes constituintes das palavras”.

Os conceitos de consciência morfológica aqui apresentados mostram abrangências distintas, indo desde o entendimento de que as palavras podem ser divididas em unidades menores até a capacidade de refletir sobre os morfemas. Esse fato tornou pertinente adotar-se a

posição de que a consciência morfológica apresenta diferentes níveis. Optou-se, então, pelo conceito de consciência morfológica como a capacidade de perceber que as palavras podem ser divididas em morfemas, ou seja, em unidades menores de significado, de segmentar os morfemas, de manipular morfemas na construção de palavras e de refletir intencionalmente sobre os morfemas como unidades constitutivas das palavras.

Esse conceito de consciência morfológica contém três níveis:

- (a) o primeiro nível diz respeito à capacidade de perceber que as palavras podem ser divididas em morfemas e de segmentá-los;
- (b) o segundo nível diz respeito à capacidade de manipular morfemas na construção de palavras;
- (c) o terceiro nível diz respeito à capacidade de refletir intencionalmente sobre os morfemas como unidades que constituem as palavras.

Pelo fato de o presente estudo ter estabelecido o recorte na análise da aplicação de tarefa que elicia a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*, ateve-se à verificação da consciência morfológica no segundo nível acima discriminado, ou seja, manteve o foco na visão de consciência morfológica como a capacidade das crianças de manipular morfemas na construção de palavras. Entende-se ser possível avaliar esse nível de consciência morfológica por meio de tarefa de produção porque, conforme já mencionado, se defende que o emprego de morfema diferente do convencionalizado pela língua, na busca do mesmo significado, evidencia que a criança analisa a estrutura interna da palavra.

Entende-se por capacidade de manipular morfemas a habilidade de empregá-los, preenchendo o espaço do afixo de acordo com o significado que este veicula, mesmo que o “produto final” seja uma palavra que não pertence ao léxico do português, mas que poderia a ele pertencer, uma vez que respeite as possibilidades combinatórias e hierárquicas da gramática da língua.

De acordo com a literatura (BORGES; MAZZAFERRO; MATZENAUER, 2018; SEIXAS, 2007), a avaliação da consciência morfológica é feita por meio de tarefas. Essas tarefas têm como objetivo medir o desempenho dos sujeitos em circunstâncias que necessitam de uma reflexão sobre o significado das palavras, bem como a capacidade

que as crianças possuem de identificar e manipular os morfemas da língua (BORGES, 2015). As tarefas desempenham papel crucial na metodologia desta investigação. É, portanto, pela aplicação de uma tarefa que o presente estudo propõe uma avaliação da consciência morfológica em seu nível dois, relativo à capacidade de manipular morfemas na construção de palavras, em crianças não alfabetizadas e em crianças em processo de alfabetização.

3 Aspectos metodológicos do estudo

Os informantes e o instrumento da pesquisa são aqui explicitados.

3.1 Descrição dos informantes

O presente estudo⁵ obteve a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pelotas, sob o protocolo nº 43687915.8.0000.5339.

Na busca do objetivo de verificar a emergência da consciência morfológica, observando, especificamente, como ocorre a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*, em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, esta pesquisa contou com a participação de 16 crianças, com idades entre 4 e 7 anos, 8 meninos e 8 meninas, monolíngues, falantes nativas do PB, estudantes⁶ de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS.

⁵ Este estudo teve o seu ponto de partida nos dados coletados na dissertação de mestrado desenvolvida por Borges (2015), que teve como objetivo descrever e analisar a consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, considerando o processo de produção e de reconhecimento de morfemas. O estudo aqui apresentado constitui-se em uma ampliação da análise proposta por Borges (2015).

⁶ Lê-se: Maternal A, Maternal B, 1º ano do Ensino Fundamental, 2º ano do Ensino Fundamental. Denominaram-se “não alfabetizadas” as crianças de 4 e 5 anos que se encontram no “nível Maternal” da Escola não apenas por não saberem ler e escrever, mas também por não estarem sendo submetidas a um processo formal de alfabetização; denominaram-se “em processo de alfabetização” as crianças de 6 e 7 anos que se encontram no “nível Ensino Fundamental, 1º e 2º anos” da Escola, as quais estão sendo submetidas a um processo formal de alfabetização.

Os sujeitos foram separados por faixas etárias (FE) e por sexo⁷, somando-se quatro crianças em cada faixa etária:

- (a) Faixa Etária 1 - informantes com 4 anos de idade: não alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (b) Faixa Etária 2 - informantes com 5 anos de idade: não alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (c) Faixa Etária 3 - informantes com 6 anos de idade: alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (d) Faixa Etária 4 - informantes com 7 anos de idade: alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas.

A fim de analisar-se se a consciência morfológica emerge de forma distinta entre crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, houve a divisão em dois grupos, considerando-se a variável “alfabetização”: (a) Grupo I: crianças não alfabetizadas – que correspondem às faixas etárias FE1 e FE2; (b) Grupo II: crianças em processo de alfabetização – que pertencem às faixas etárias FE3 e FE4. Essa divisão nos dois grupos faz-se pertinente tendo em vista que a literatura da área não apresenta concordância em relação a quando a consciência morfológica emerge e em relação ao fato de o início de um ensino formal poder ser um potencializador para desenvolver esta competência (BORGES; MAZZAFERRO; MATZENAUER, 2018). Sendo assim, dividiram-se os informantes nestes dois grupos, para verificar se haveria diferença na capacidade de manipular os morfemas da língua levando em conta essas variáveis.

Por ser relevante, destaca-se ainda que as crianças que fizeram parte desta investigação foram selecionadas pelas professoras e coordenadoras da escola, sendo que cada informante deveria cumprir os seguintes critérios: apresentar desenvolvimento cognitivo e linguístico

⁷ A variável sexo não foi controlada nesta pesquisa. Seixas (2007), ao analisar o desenvolvimento da consciência morfológica em crianças de 5 anos, verificou que o gênero não se mostrou uma variável relevante no que diz respeito a esse tema. Logo, a divisão em gênero, neste trabalho, deu-se apenas para manter uma uniformidade na organização do *corpus* aqui apresentado.

de acordo com a sua idade; não ter qualquer tipo de desvio fonológico; ser monolíngue e falante nativo do PB; fazer parte das faixas etárias definidas nesta investigação; não estar alfabetizado (Grupo I) ou estar em processo de alfabetização (Grupo II).

3.2 Descrição do instrumento e de sua aplicação

Para a verificação da consciência morfológica, foi aplicada a *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*, que é destinada à avaliação da habilidade de produção de morfemas derivacionais. Com essa tarefa, procurou-se verificar se os informantes produziam os sufixos agentivos *-eiro -ista e -or*, que são os morfemas agentivos mais recorrentes em palavras do PB a que as crianças têm acesso (LIMA, 2006), e, precipuamente, buscou-se avaliar se havia o emprego de um sufixo agentivo por outro, preservando o significado agentivo da palavra derivada; também se procurou examinar se havia a aplicação predominante de algum desses sufixos no vocabulário das crianças pesquisadas, além de ter-se buscado verificar o condicionamento, ou não, da escolarização nessa habilidade.

Cabe destacar que o presente estudo apresenta apenas uma avaliação qualitativa dos dados, razão pela qual os resultados não foram submetidos a um tratamento estatístico.

3.2.1 Tarefa de produção de palavras com sufixos agentivos

A *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* proposta para o presente estudo foi formada por 12 imagens, que eliciam o emprego dos sufixos agentivos: *-eiro, -ista, -or*, sendo o emprego de cada sufixo motivado por quatro imagens. As palavras que compuseram a *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* foram apresentadas aos participantes de forma lúdica, por meio da interação entre pesquisadora e informante.

A aplicação do instrumento ocorreu em entrevistas individuais com as crianças na biblioteca da escola, tendo sido gravadas todas as atividades. A tarefa foi exibida às crianças em tela de computador por meio do programa *PowerPoint*, seguindo-se estes procedimentos: depois de um diálogo motivacional com cada criança e de uma atividade de familiarização com o instrumento, eram apresentadas imagens de pessoas exercendo determinado ofício e, logo após, pedia-se ao sujeito que dissesse como se chama a pessoa que desempenha aquela atividade.

Explicita-se aqui uma atividade de familiarização⁸: perante a imagem de uma pessoa exercendo a atividade de cabeleireiro⁹, apresentava-se, a cada criança, a palavra “cabelo” (vocábulo constituído pelo morfema-base + vogal temática); em um diálogo com a criança, a pesquisadora instigava uma discussão sobre o tema e, subsequentemente, propunha a pergunta alvo: “como se chama a pessoa que arruma o cabelo?” A resposta esperada era a palavra com o morfema-base + o sufixo agentivo *-eiro*: “cabeleireiro”.

Na Figura 1, apresentam-se exemplos das imagens utilizadas na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*.

Figura 1 - Exemplo da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos



Fonte: as autoras

Passada a etapa de familiarização, passava-se à apresentação das imagens que compuseram esta tarefa. Destaca-se que as imagens eram expostas uma por vez, sendo eliciado o emprego dos três sufixos de forma intercalada. Essa atividade foi baseada na Tarefa de Analogia de Palavras, utilizada por Seixas (2007, p. 60).

No Quadro 01, apresentam-se as palavras que foram o alvo da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*.

⁸ Diz respeito à etapa preliminar da aplicação da tarefa. Destaca-se que, na atividade de familiarização, foram apresentados contextos com os três sufixos agentivos investigados *-eiro*, *-ista*, *-or*, a fim de evitar o subsequente emprego, pela criança, de apenas um dos sufixos, conforme a Figura 1.

⁹ O vocábulo “cabeleireiro” é derivado da palavra ‘cabeleira’, no entanto o uso corrente da língua vincula o agente *cabeleireiro* à pessoa que lida com “cabelo” e não com *cabeleira*.

Quadro 01 - Palavras usadas na Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivo

1. Pipoqueiro	7. Sapateiro
2. Motorista	8. Surfista
3. Pintos	9. Jogador
4. Lixeiro	10. Açougueiro
5. Ciclista ¹⁰	11. Equilibrista
6. Pescador	12. Lavador

Fonte: as autoras

4 Descrição e análise dos dados

Os dados obtidos com a aplicação da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* estão sumarizados nos quadros a seguir apresentados. Nos quadros, cada informante está identificado por números de 1 a 16, com a sinalização das letras “F” e “M”, indicando se o sujeito pertence ao sexo feminino ou ao sexo masculino. O uso do (X) é indicativo de que os informantes produziram os sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or* e o uso do símbolo (X*) é indicativo de que produziram a palavra com um morfema agentivo diferente daquele convencionado pela língua (ex.: uso do sufixo *-eiro* pelo sufixo *-or* (*pinteiro* ao invés de *pintor*)). Já os espaços em branco indicam que os informantes não realizaram qualquer tipo de produção.

Em razão de esta tarefa eliciar a produção linguística das crianças, abria a possibilidade do emprego de qualquer um dos sufixos agentivos, formando palavras não dicionarizadas, a partir das diferentes combinações de morfema-base + sufixo.

Salienta-se que, ao tratar-se do emprego dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*; foco do presente trabalho, é plausível chamar-se a atenção para o fato de que o sufixo *-or*¹¹ é, dentre eles, o de uso mais frequente:

¹⁰ Sabe-se que a palavra “ciclista”, embora designe um agente (o que anda de bicicleta – Dicionário Aurélio on-line), não tem a mesma transparência morfológica das outras palavras da lista, mas é de uso frequente na região em que foi realizada a pesquisa. Todas as palavras da lista foram consideradas frequentes no uso da língua por falantes da região do país em foi desenvolvida a pesquisa.

¹¹ Destaca-se que o sufixo *-or* cumpre a função de formar palavras cujo significado é designar o agente de determinada ação (ex.: *pintor*, *escritor*), bem como substantivo

o Dicionário Aurélio registra 3.409 palavras terminadas em *-or*, 1.977 palavras terminadas em *-eiro* e 1.708 palavras terminadas em *-ista*¹².

Os Quadros de 02 a 05 apresentam, por faixa etária, os resultados obtidos com a aplicação dessa tarefa. Expõem-se, em sequência, os dados e as interpretações relativas aos resultados das quatro faixas etárias que compuseram o estudo: FE1, FE2, FE3 e FE4.

O Quadro 02 expressa os resultados verificados na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 1.

Quadro 02 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 1 (Idade: 4:0)												
Sufixos	-eiro				-ista				-or			
Sujeito	1 F	2 F	3 M	4 M	1 F	2 F	3 M	4 M	1 F	2 F	3 M	4 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro												X*
Motorista						X		X				
Pintor									X	X	X	X
Lixeiro		X	X									
Ciclista												
Pescador									X		X	X
Sapateiro											X*	X*
Surfista				X*							X*	
Jogador									X		X	X
Açougueiro												
Equilibrista											X*	
Lavador									X		X	X

Fonte: as autoras

Pelos dados registrados no Quadro 02, verifica-se que os informantes da FE 1 produzem palavras com os três sufixos agentivos

abstrato que também veicula o significado agentivo (ex.: clamor). Ademais, o sufixo *-or*, diferentemente dos sufixos *-eiro* e *-ista*, é adjungido a verbos e não a nomes.

¹² Embora a frequência no dicionário não remeta necessariamente à produtividade do morfema, o que é de fato ao que as crianças têm acesso, esse é um dado relevante quanto à constituição do léxico da língua.

estudados: *-eiro -ista e -or*. Entretanto, essa produção nem sempre ocorreu com o sufixo convencionado pela gramática do PB, sendo que as crianças apresentaram preferência por utilizar o sufixo agentivo *-or* em suas produções. De acordo com a hipótese proposta para este estudo, aí está um indício de manipulação de morfemas e, portanto, um indicativo de determinado nível de consciência morfológica, ou seja, do nível dois de consciência morfológica, em consonância com o argumento apresentado na Seção 2.4.

O sujeito 1F somente produziu palavras com o sufixo agentivo *-or*¹³ (*pescador, jogador, lavador e pintador*), sufixo esse de alta frequência em palavras do PB, eximindo-se de empregar qualquer outro sufixo.

O sujeito 2F empregou os três tipos de sufixos agentivos, mas respondeu a apenas três estímulos: *motorista, pintor e lixeiro*. Como essas palavras são de uso frequente, interpretou-se que essas três formas podem estar sendo empregadas como palavras primitivas, sem a consciência dos sufixos agentivos na sua formação, ou seja, como formas não analisadas quanto à estrutura morfológica, constituída de morfema-base+sufixo. Fato que pode dar suporte a essa interpretação é a produção de *pipoco* para *pipoqueiro*, a partir do estímulo *pipoca*; neste caso, a criança não empregou sufixo agentivo: apenas adicionou o morfema *-o* para cumprir o papel de marcador de gênero.

O sujeito 3M empregou dois dos três tipos de sufixos agentivos aqui esperados: *-or* e *-eiro*. Produziu palavras formadas principalmente pelo sufixo agentivo *-or*: *pintor, pescador, jogador, lavador*; palavras essas convencionadas pela gramática do português. No entanto, também produziu *sapatador*, para *sapateiro*, *surfador*, para *surfista, equilibrador*, para *equilibrista*. Os dados apontam que essa criança possui a capacidade de manipular os morfemas e, com base nisso, infere-se que o informante opera no segundo nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4). Ao combinar morfemas-base a sufixos agentivos de forma diferente do padrão da língua, já se apropriou de morfemas da língua e os produz para dar conta do processo de derivação. O informante também produziu *vendedor de pipoca (para pipoqueiro)* e *andador de bicicleta (para ciclista)*, criando uma expressão agentiva. Assim, o uso do morfema *-or* em suas produções indica a capacidade que a criança tem de derivar palavras e de reconhecer o significado que o morfema sufixal *-or* atribui

¹³ Conforme já foi referido, esse afixo é de alta frequência em palavras do PB, fato esse que pode corroborar o seu emprego em maior índice.

a elas, apresentando indícios de que tem consciência de como utilizar e manipular morfemas agentivos da língua. O informante deixou de produzir apenas as palavras *motorista* e *açougueiro*.

O sujeito 4M também apresentou maior produção do sufixo agentivo *-or*: dos 12 estímulos, o informante não produziu resposta para 4 deles: *lixeiro*, *ciclista*, *equilibrista*, *açougueiro*. Para o estímulo relativo à ação de pintar, derivou a palavra *pintador*. Cabe destacar que a palavra *pintador* traz a adição do sufixo *-or* à raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor*.

As outras produções do sujeito 4M são semelhantes às formas realizadas pelo informante 3M, que produziu: *pipocador* para *pipoqueiro*; *sapatador* para *sapateiro*; *surfeiro* para *surfista*. Esses dados apontam que o informante tem consciência de que, adjungindo um sufixo agentivo ao morfema-base, se produz uma palavra derivada, e isso se verifica especialmente pelo fato de não empregar o sufixo padrão para aquele vocábulo; o sujeito, portanto, parece ter a capacidade de apropriar-se dos morfemas da língua, de manipulá-los e de produzi-los para dar conta do processo de derivação.

A partir dos dados analisados, verifica-se que as crianças da FE 1, exceto a 2F, parecem possuir a capacidade de criar novas palavras, apropriando-se dos morfemas licenciados pela gramática do português. Cabe destacar que esse fato pode ser um indício de que os sujeitos têm a habilidade de manipular os sufixos agentivos, o que não significa dizer, necessariamente, que as crianças da FE1 tenham a consciência de refletir intencionalmente sobre os morfemas. No entanto, está evidente que os informantes preenchem o espaço do sufixo mantendo o campo semântico de agentividade, o que mostra que os sujeitos manipulam esses afixos de acordo com o que é licenciado pela língua. Esse fato implica dizer que o segundo nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4) já se faz presente na gramática das crianças.

Em muitos casos, as produções realizadas contemplaram o padrão derivacional da língua, embora para alguns estímulos a derivação padrão não tenha sido atendida. Essa fuga do alvo da língua, com uma nova organização estrutural para atender ao mesmo significado, é evidência forte, em dados de aquisição da língua, de que a criança está manipulando diferentes unidades do sistema linguístico; no caso aqui em discussão, crianças com 4 anos de idade já estão manipulando morfemas do português.

Merece destaque o fato de que a maior parte das produções da FE1 ocorreu com o sufixo agentivo *-or*. Logo, para esses informantes, o sufixo *-or* parece ter o valor não marcado como agentivo no sentido

de funcionar como morfema *default* para o agentivo: em 14 produções com esse sufixo, as crianças derivaram palavras em conformidade com o padrão da língua; em 5 produções, criaram nomes agentivos diferentes do padrão. Observou-se a produção do sufixo *-eiro* em três palavras, sendo uma “inventada”, e do sufixo *-ista* em duas ocorrências, com palavras pertencentes ao léxico da língua. A escolha pelo sufixo *-or* predominou, portanto, nesta FE. Retoma-se a afirmação, já expressa na introdução deste artigo, de que uso precoce de palavras sufixadas de acordo com o alvo pode indiciar uma estrutura não analisada morfologicamente.

O Quadro 03 mostra os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixo Agentivo* na FE 2, com crianças de 5 anos.

Quadro 03 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 2 (Idade: 5:0)												
Sufixos	-eiro				-ista				-or			
Sujeito	5 F	6 F	7 M	8 M	5 F	6 F	7 M	8 M	5 F	6 F	7 M	8 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X									
Motorista						X	X	X				
Pintor				X*					X*	X		
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista				X*								
Pescador									X	X	X	X
Sapateiro		X										
Surfista						X	X					X*
Jogador									X	X		X
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista									X*	X*		X*
Lavador			X*	X*					X			

Fonte: as autoras

Conforme os dados do Quadro 03, os informantes da FE 2 produziram palavras com os três sufixos agentivos: *-eiro*, *-ista* e *-or*. Houve um aumento da ocorrência do emprego do sufixo *-eiro*, ao lado do uso do sufixo *-or*, em se comparando com as produções da faixa etária

anterior, ainda que tenha havido a produção de palavras com este sufixo agentivo de forma diferente do padrão (ex.: *pintareiro* para *pintor*).

O sujeito 5F apresentou 6 produções ditas “padrão” na aplicação dos morfemas agentivos; para os 12 estímulos, não produziu estes quatro nomes agentivos: *motorista*, *ciclista*, *sapateiro* e *surfista*, sendo que apenas as palavras *pintador* e *equilibrador* se distanciaram da forma convencionalizada na língua: como já havia sido observado na FE 1, a criança fez a adição do sufixo *-or* à raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor*; o tema foi aqui a base da derivação.

Os dados da informante 6F indicam que 9 produções estão de acordo com léxico da língua, sendo que houve a ocorrência de uma variabilidade na aplicação do sufixo agentivo na produção da palavra *equilibrador* ~ *equilibrista*; a criança apenas não produziu as palavras *ciclista* e *lavador*.

O sujeito 7M produziu 5 palavras utilizando morfemas agentivos em consonância com o padrão da língua (*motorista*, *lixeiro*, *pescador*, *surfista*, *açougueiro*); em duas palavras apresentou uma derivação diferenciada: *pintador*, *lavareiro*. Em *pintador*, a base da derivação é que se faz diferente do padrão (pint]or) – a motivação é a mesma observada nas FEs 1 e 2; em *lavareiro*, o sufixo utilizado é diferente do padrão (lava]dor). A criança não produziu 5 palavras dos 12 estímulos apresentados (*pipoqueiro*, *ciclista*, *sapateiro*, *jogador* e *equilibrista*). Os dados da criança 7M evidenciam que a sua gramática parece já integrar os três sufixos agentivos, especialmente os sufixos *-or* e *-eiro*, já que foram utilizados na derivação de palavras sem que façam parte do *input* linguístico que recebe (*pintador*, *lavareiro*). Reforça-se a afirmação de que o uso de sufixos, na criação de palavras diferentes do alvo, para atingir o mesmo significado evidencia que a criança reconhece a existência de diferentes morfemas na formação de palavras e também reconhece o significado que o morfema sufixal atribui a essas palavras, devendo ser tomado como índice de que tem capacidade de manipular morfemas agentivos da língua, o que se interpreta como um nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4).

O sujeito 8M também derivou formas agentivas diferentemente do padrão do PB – formou estas palavras: *pinteiro*, *bicicleteiro*, *lavareiro*, *equilibrador*, *surfador*. A criança utilizou, em suas produções, predominantemente o sufixo agentivo *-eiro*. O emprego desse sufixo, bem como do sufixo *-or*, em formas diferentes do padrão parece indicar que

o sujeito tem um nível de consciência desses morfemas derivacionais, conforme já foi aqui salientado. Esse menino apenas não produziu as palavras *açougueiro* e *sapateiro*.

Com base nesses resultados, pode afirmar-se que as crianças da FE 2 mostram avanço no uso de sufixos agentivos, já que, ao lado do sufixo *-or*, empregaram o sufixo *-eiro*: registrou-se a produção, com o sufixo *-eiro*, de 11 palavras convencionadas e de 4 não convencionadas, e, com o sufixo *-or*, de 10 palavras convencionadas e de 5 não convencionadas, totalizando 15 produções de cada um desses morfemas. O sufixo agentivo *-ista* apareceu apenas 5 vezes nas produções desta FE, sendo que todas as derivações são de palavras pertencentes ao léxico. O fato de o sufixo *-ista* somente aparecer em derivações em consonância com o padrão poderia também levar à interpretação de que a criança ainda não tem consciência desse morfema e, como consequência, toma as palavras que o contêm como formas simples, não analisadas quanto à estrutura que contém morfema-base+sufixo.

Os resultados apontam que, na FE2, há um equilíbrio na escolha dos sufixos agentivos, e esse fato pode indicar que, conforme aumenta a faixa etária e cresce a experiência linguística da criança, aumenta também o conhecimento do emprego desses sufixos e a habilidade de manipulá-los.

No Quadro 04, trazem-se os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 3.

Quadro 04 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 3 (Idade: 6:0)

Sufixos	-eiro				-ista				-or			
	9 F	10 F	11 M	12 M	9 F	10 F	11 M	12 M	9 F	10 F	11 M	12 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X									
Motorista		X*	X*				X					
Pintor		X*	X*					X				X
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista			X*									X*
Pescador			X*					X		X	X	
Sapateiro			X						X*			
Surfista		X*	X*									X*
Jogador	X*	X*								X	X	
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista			X*					X*	X*			X
Lavador			X*					X	X			X

Fonte: as autoras

Os dados do Quadro 04 mostram que as crianças da FE 3 produziram preferencialmente palavras com o sufixo agentivo *-eiro*, fato esse atribuído principalmente a dois informantes: 10F e 11M. Das 25 palavras derivadas com o sufixo *-eiro*, 12 foram produções de palavras que fazem parte do inventário do português e 13 foram palavras diferentes do padrão da língua. Já o morfema agentivo *-or* aparece em segundo lugar na produção desses informantes, somando 15 produções de palavras, sendo que 8 estão de acordo com o padrão da língua e 6 são criações das crianças. Nas crianças com 6 anos de idade houve um aumento (especialmente em dois informantes) no uso de sufixos em derivações diferentes do alvo para atingir o mesmo significado, o que parece apontar maior capacidade de combinar os morfemas da língua, o que indica que a criança reconhece o significado que o morfema atribui a palavras derivadas e que, podendo manipular morfemas, deles mostra maior índice de consciência. Por fim observa-se que, nesta FE, houve

baixa produtividade do morfema agentivo *-ista*: foi produzido apenas uma vez, pelo Informante 12M, na palavra *motorista*. Como o item lexical *motorista* pode ser considerado de uso frequente em diferentes contextos sociais, interpreta-se que, nessa única presença, o sufixo *-ista* parece não se mostrar reconhecido pelas crianças entrevistadas na FE3, o que pode conduzir à hipótese de que a palavra *motorista* aqui está empregada como forma não analisada em termos de sua estrutura morfológica.

A criança 9F apresentou 7 produções ditas “convencionais” na utilização dos morfemas agentivos, sendo que, das 12 possibilidades, não produziu: *motorista*, *ciclista*, *sapateiro* e *surfista*. Desviando-se do uso padrão dos sufixos agentivos, produziu as palavras *boleiro* para *jogador*, *pintador* para *pintor*, *equilibrador* para *equilibrista*. Com essas derivações, a criança parece mostrar consciência dos sufixos agentivos *-or* e *-eiro* como formadores de nomes agentivos da língua. Ressalta-se, novamente, que as palavras *pintador* e *equilibrador* foram derivadas a partir da raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor* para o sufixo *-or*.

Os dados da informante 10F apontam a produção de 8 palavras com o sufixo agentivo *-eiro*, sendo apenas 3 delas dicionarizadas (*pipoqueiro*, *lixeiro*, *açougueiro*); no que diz respeito às outras 5 palavras, foram formadas com o sufixo *-eiro* de forma diferente do que é padrão na língua: *dirigeiro* para *motorista*; *pinteiro* para *pintor*; *bicicleteiro* para *ciclista*; *surfeiro* para *surfista*; *jogadeiro* para *jogador*; a criança também produziu *sapatator* para *sapateiro*, *equilibrador* para *equilibrista*. Observe-se que esse informante produz de forma preponderante o sufixo agentivo *-eiro* na derivação de formas agentivas, o que leva a inferir-se que esse é o sufixo agentivo mais produtivo na gramática dessa criança, talvez por ter sido adquirido recentemente e estar recebendo tratamento generalizante. Os dados do estudo estão apontando para a emergência do sufixo *-eiro* ser posterior à do sufixo *-or*; também está mostrando que o sufixo *-ista* tem emergência subsequente à dos sufixos *-or* e *-eiro*.

O informante 11M mostrou uma preferência significativa pelo sufixo agentivo *-eiro*, já que o empregou em 11 das 12 possibilidades apresentadas na tarefa; assim, além das palavras já presentes na língua com esse afixo, o sujeito produziu também: *dirigeiro* para *motorista*; *pintereiro* para *pintor*; *bicicleteiro* para *ciclista*; *surfereiro* para *surfista*; *equilibreiro* para *equilibrista*; *lavareiro* para *lavador*, sendo que a única palavra produzida conforme o léxico dicionarizado foi *jogador*. Sendo

assim, tem-se que a criança 11M dá prevalência ao sufixo agentivo *-eiro* na derivação de nomes agentivos. Os dados mostram que, em duas derivações com esse sufixo, a criança faz quase uma reduplicação, com a epêntese da líquida *r* (assimilada da líquida presente no sufixo) e a presença da vogal temática *-e*, como se pode observar nas palavras *pintereiro*, *lavareiro* e *surfereiro*; na derivação de *pintereiro* (derivado de *pintar*) e de *surfereiro* (derivado de *surfear*), há alteração da vogal temática *-a* > *-e*), fazendo resultar a sequência *-ereiro*.

O sujeito 12M apresentou em seus dados 7 produções em conformidade com o padrão da língua e 3 produções com o uso do sufixo agentivo *-or* em palavras “inventadas”, que foram: *bicicletador* para *ciclista*; *surfor* para *surfista*; *equilibrador* para *equilibrista*, todas essas palavras produzidas com o sufixo agentivo *-or*, mostrando-o, assim, como o sufixo agentivo mais produtivo na sua gramática. Conforme foi acima referido, interpreta-se que a única forma produzida com o sufixo *-ista* nesta FE3 (a palavra *motorista*) se manifesta como não analisada em termos dos morfemas que compõem a sua estrutura. Essa interpretação de que as formas com o sufixo *-ista* empregadas pelas crianças até a FE3 (até a idade de 6:0 anos) são não analisadas do ponto de vista da morfologia se vê fortalecida pelo fato de, nas FEs 1 e 2, ter sido registrado maior número de palavras com *-ista* do que na FE3.

O sujeito 12M também produziu duas palavras com o sufixo *-aria* (*pipocaria* e *sapataria*), parecendo deslocar o significado de agente da ação, passando a expressar o local em que se vende pipoca, ou se consertam sapatos. Na dúvida quanto ao deslocamento ser do significado da expressão ou quanto ao deslocamento ser do significado do morfema *-aria*, a pesquisadora questionou a criança: *Sapataria, o que significa?* E o menino respondeu: *É o consertador de sapatos*. A resposta leva à interpretação de que, na gramática do menino, o sufixo *-aria* está deslocado para a categoria de agentivo. Parece que o sujeito se apropria das unidades morfemáticas disponíveis em seu inventário linguístico para produzir as palavras e dar conta do processo de comunicação. O importante é verificar que esse emprego dos morfemas não é feito aleatoriamente, mas, sim, seguindo a estrutura permitida pela gramática da língua. Mesmo havendo o deslocamento da categoria semântica do sufixo, a produção do menino indica a sua capacidade de manipular estruturalmente morfemas sufixais.

A análise mostra que há um distanciamento das crianças da FE 3 em relação às duas FEs anteriores, já que agora o sufixo *-eiro* é o que tem uso prevalente: as crianças da FE 3 produzem, preferencialmente, palavras com os sufixos agentivos *-eiro* (12 palavras convencionadas e 13 não convencionadas), seguido do sufixo *-or* (8 palavras convencionadas e 6 não convencionadas). Com restrito uso, o sufixo agentivo *-ista* apareceu apenas em uma produção, dando indícios de que, para crianças da FE 3, esse afixo parece ainda não ser reconhecido e, portanto, não se mostra produtivo.

O Quadro 05 resume os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 4.

Quadro 05 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 4 (Idade: 7:0)												
Sufixos	-eiro				-ista				-or			
	13 F	14 F	15 M	16 M	13 F	14 F	15 M	16 M	13 F	14 F	15 M	16 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X	X								
Motorista					X	X	X	X				
Pintor									X	X	X	X
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista						X	X	X				
Pescador									X	X	X	X
Sapateiro	X	X	X	X								
Surfista	X*			X*			X			X*		
Jogador									X	X	X	X
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista	X*					X	X					X*
Lavador									X	X	X	X

Fonte: as autoras

Os dados registrados no Quadro 05 apontam que as crianças da FE 4 produzem palavras com os sufixos agentivos *-eiro* *-ista* e *-or*, com a indicação de que nesta FE surge um maior equilíbrio na produção desses morfemas: o sufixo agentivo *-eiro* apresenta o maior índice de produção

(22), sendo que apenas 3 delas foram produções “inventadas”; já o sufixo agentivo *-or* foi empregado 20 vezes, sendo que apenas 2 dessas produções foram diferentes do padrão da língua; o morfema agentivo *-ista*, aparecendo 10 vezes nas produções, pode dizer-se que começou a mostrar produtividade – nas FEs precedentes, o sufixo *-ista* mostrou-se praticamente ausente.

A informante 13F mostrou, em seus dados, 9 produções ditas “convencionais” na aplicação dos morfemas agentivos, sendo que, das 12 possibilidades, não produziu apenas uma: *ciclista*. Diferentemente do padrão de uso da língua, a criança produziu as palavras *surfeiro* para *surfista*; *equilibreiro* para *equilibrista*, substituindo o sufixo *-ista* pelo sufixo *-eiro*, fato esse que pode indicar que a informante tem uma preferência em suas produções pelo sufixo agentivo *-eiro*, mais produtivo no português, como também pode apontar que o sufixo *-ista* ainda não integra a sua gramática.

Já a criança 14F apresentou uma produção predominantemente de acordo com os padrões linguísticos; apenas em lugar da palavra *surfista* produziu *surfador*, optando por produzir a palavra com o sufixo agentivo *-or*.

O informante 15M produziu todas as 12 ocorrências de acordo com o que é convencionado pela gramática do português.

O sujeito 16M produziu todas as 11 palavras utilizando a derivação com os sufixos agentivos convencionados; no entanto, a criança produziu *equilibrador* para *equilibrista*. Embora essa troca de sufixo possa ocorrer sem qualquer prejuízo do significado, já que os dois sufixos veiculam o mesmo sentido, aponta a tardia emergência do sufixo *-ista* na gramática das crianças.

Os dados deste estudo apontam que as crianças da FE 4 produziram palavras com os sufixos agentivos *-eiro* (16 palavras dicionarizadas e 3 não dicionarizadas) e *-or* (16 palavras dicionarizadas e 2 não dicionarizadas), mostrando um equilíbrio entre os morfemas agentivos *-eiro* e *-or*. Já o sufixo agentivo *-ista* obteve, na FE4, a maior ocorrência de produção em se comparando com as FEs mais baixas: na FE 4, o sufixo *-ista* apareceu 10 vezes nas produções, sendo que em todas as derivações com esse sufixo foram produzidas palavras pertencentes ao léxico.

Com esses resultados, a FE 4 mostra, em um olhar comparativo com as FEs precedentes, importante avanço no emprego dos sufixos aqui estudados, não apenas por derivar palavras com os três sufixos,

mas também por manipulá-los com adequação e por comutá-los, em formas diferentes do alvo, ainda que em número restrito, com morfemas que atendem ao mesmo significado agentivo. Diferentemente das FEs anteriores, em que houve índices mais altos de emprego de sufixos de maneira não convencional, mostrando uma análise experimental, pelas crianças, quanto ao emprego de sufixos agentivos, os resultados da FE4 parecem apontar para um exercício de síntese, em direção ao que é convencional na formação de palavras da língua: as crianças, na FE dos 7 anos, usam palavras derivadas com sufixos agentivos prevalentemente de acordo com o sistema alvo; aí o conhecimento morfológico pode não estar explícito, mas os movimentos que as FEs precedentes mostraram quanto à construção de estruturas morfológicas leva a interpretar-se que, na FE4, as formas derivadas por sufixação empregadas pelas crianças já são resultantes de uma análise morfológica e de uma síntese estrutural em um vocábulo da língua: as crianças agora podem estar, então, analisando as palavras em morfemas e usando-as de acordo com o alvo e esse fato representa um novo grau de consciência morfológica.

Quanto ao índice de emprego dos três morfemas agentivos que integraram o presente estudo, os dados das crianças aqui objeto de análise apontam, como mais produtivos na formação de palavras, os sufixos *-or* e *-eiro*, com emprego muito restrito do sufixo *-ista*. Esse fato explica por que os sufixos mais produtivos podem tomar o lugar do sufixo *-ista* na criação de agentivos (ex.: *surfeiro* para *surfista*). Apesar de menos produtivo, o sufixo *-ista* foi utilizado para criar palavras: foi o que ocorreu com o Informante 16M, que produziu *bicicletista* para *ciclista*. Reforça-se aqui o entendimento de que o emprego dos sufixos agentivos na derivação de palavras de forma não convencional ao uso da língua pode ser meio de atestar um nível de consciência que a criança tem desses morfemas, ou seja, a capacidade de manipular morfemas na construção de palavras da língua.

Os dados do presente estudo parecem apontar para uma hierarquia na integração dos três sufixos agentivos na gramática das crianças das quatro FEs aqui investigadas, conforme se registra de forma sintética em (1), com referência a quatro momentos, cada um correspondendo a uma das FEs: o primeiro a mostrar emprego consistente e a prevalecer parece ser o sufixo *-or*, com a presença também de *-eiro*; depois os sufixos *-or* e *-eiro* apresentam uso equilibrado; após o emprego de *-eiro* mostra predominância sobre o emprego de *-or*, e, por fim, junta-se o uso do sufixo *-ista* ao dos sufixos agentivos *-eiro* e *-or*.

- (1) FE1 suf. *-or* > *-eiro* ; FE2 suf. *-or* , *-eiro* ; FE3 suf. *-eiro* > *-or* ;
FE4 suf. *-eiro* , *-or*, *-ista*

Com essa linha de desenvolvimento, as crianças do Grupo 1 (não alfabetizadas, com idade 4 e 5 anos) e as crianças do Grupo 2 (em processo de alfabetização, com idade 6 e 7 anos) mostram também o emprego crescente dos três sufixos agentivos, mas, o que é crucial para este estudo, evidenciam também o desenvolvimento crescente da consciência desses morfemas: as crianças mostram possuir consciência de que os sufixos agentivos *-or*, *-eiro* e *-ista*, ao serem adjungidos a uma palavra primitiva, formam um novo vocábulo, independentemente de essas palavras pertencerem ou não ao léxico da língua. Especialmente o emprego de palavras não pertencentes ao uso corrente da língua revela a capacidade de as crianças segmentarem esses sufixos, sendo que o uso de um sufixo agentivo por outro evidencia não apenas a capacidade de segmentação das palavras em morfemas, mas também de reconhecimento de que esses sufixos, adicionados a uma base, veiculam um novo significado.

A maior desenvoltura no tratamento de sufixos agentivos mostrada pelos informantes deste estudo das FEs 3 e 4, compostas pelas crianças em processo de alfabetização (Grupo 2), também pode ser tomada como reveladora de que a alfabetização pode contribuir para o desenvolvimento da consciência morfológica.

Por fim, em uma ampliação da abrangência do presente estudo, defende-se que, ao verificar o emprego de palavras derivadas por sufixação tendo como ponto central a capacidade de manipulação dos sufixos agentivos *-or*, *-eiro*, *-ista*, com foco particular para a criação de formas não convencionais, esta investigação contribui para o entendimento do fenômeno da consciência morfológica. Indo além, também pode cogitar-se que, ao voltar-se para a maneira como as crianças operam com morfemas, está conduzindo a uma observação para o modo como ocorre o processamento da linguagem. Com esses movimentos, é possível sugerir-se que a pesquisa mostre alcance para um encaminhamento pedagógico, tendo em vista que, sob a perspectiva dos docentes, tem-se que os instrumentos testados podem servir de apoio para o ensino da morfologia nos anos iniciais e também podem oferecer meios para que professores estimulem a produção linguística dessas formas em seus alunos e, indo além, podem oportunizar o enriquecimento do seu léxico e o reconhecimento de relações semânticas entre palavras da língua.

Do ponto de vista dos alunos, esse conhecimento pode ser um potencializador da fluência leitora, pois se entende que a consciência morfológica pode ser um caminho facilitador da compreensão em leitura: já que cada morfema possui significado, no momento em que o aluno consegue abstrair esse entendimento, a leitura e compreensão de palavras e de contextos pode ser mais clara, rápida e eficaz.

5 Considerações finais

O objetivo da presente pesquisa foi verificar se crianças falantes nativas do PB, com idade entre 4 e 7 anos, não alfabetizadas e em processo de alfabetização, já apresentam a capacidade de manipular os morfemas da língua, caracterizado como um nível de consciência morfológica, de acordo com a proposta apresentada na Seção 2.4.

Neste estudo, o nível de consciência morfológica relativo à capacidade de manipular morfemas foi avaliado por meio da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*, com foco nos sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*. Os dados apontaram que os sujeitos desta investigação já derivam palavras com sufixos agentivos e com eles criam palavras novas, mostrando a consciência do morfema-base e do sufixo, sendo que esse fato se fez evidente particularmente pela adjunção, ao morfema-base, de um tipo de sufixo agentivo diferente daquele que a língua escolheu para determinado nome, como, por exemplo, o emprego de *-or* por *-eiro* (*pipocador* por *pipoqueiro*) ou o emprego de *-or* e *-eiro* por *-ista* (*surfeiro*, *surfor* por *surfista*). O emprego de um sufixo por outro com a atribuição do mesmo significado agentivo é entendido como uma evidência de que as palavras estão sendo analisadas e manipuladas, pelas crianças, como estruturas que contêm mais de um morfema.

A partir dos resultados desta pesquisa, interpreta-se que o segundo nível de consciência morfológica, ou seja, o da capacidade de manipular morfemas, já está presente nas crianças dos Grupos 1 e 2, sendo que a escolaridade parece influenciar na sedimentação do emprego do sufixo de forma convencional, depois de a criança analisar a presença de mais de um morfema na mesma palavra, como também na apropriação de maior variedade de sufixos agentivos licenciados pela gramática da língua. A capacidade de segmentação de morfemas, evidenciada pela derivação de pseudovocábulos, já se encontra desde a FE 1, o que, então, se interpreta como a presença do segundo nível de consciência morfológica.

Por fim, cabe destacar que, com o avanço escolar, a derivação de palavras diferentes do padrão parece diminuir, indicando que o processo de escolarização favorece o crescimento da capacidade do tratamento da morfologia das palavras em consonância com o alvo da língua: isso quer dizer que, depois de as crianças analisarem a estrutura morfológica, o que se reconhece pelas trocas no emprego dos sufixos, há o movimento de síntese, em que as palavras são empregadas de acordo com o que é convenicionado pelo sistema.

Nesse sentido, Goulart (2015) atesta, em seu estudo sobre aspectos da morfologia verbal, que o processo de escolarização condiciona a aquisição de fenômenos de natureza morfológica, sobretudo daqueles cuja aquisição é mais tardia. A escola, sob essa ótica, será a instituição capaz de contribuir significativamente para a efetivação da aquisição da morfologia da língua, por conseguir possibilitar maior exposição dos sujeitos a toda a complexidade que a habilidade morfológica exige, aumentando a experiência linguística dos sujeitos e encontrando, nesse campo da língua, possíveis caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem do PB, em especial de sua ortografia, leitura e escrita (GOULART, 2015).

Salienta-se, por fim, a contribuição desta pesquisa ao somar-se aos ainda escassos estudos sobre o desenvolvimento da consciência morfológica, principalmente sobre a aquisição do PB. Acredita-se que o processo de aprendizagem e ensino nas séries iniciais de escolaridade possa ter algum ganho com a presente investigação, especialmente para o processo de aquisição da leitura, do desenvolvimento da capacidade da interpretação do significado de palavras e de textos e também da escrita ortográfica, a exemplo de estudos como os de Carlisle e Nomanbhoy (1993) e Deacon e Kirby (2004).

Declaração de autoria

Veridiana P. Borges: desenho da pesquisa, desenvolvimento das ferramentas, metodologia, coleta de dados, análise dos dados, interpretação dos resultados. Escrita original; escrita – análise e edição.

Carmen Matzenauer: desenho e orientação da pesquisa, metodologia, análise dos dados e interpretação dos resultados. Escrita – original; escrita – análise e edição.

Referências

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1976.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BASSANI, I.; SOARES, F. Levantamento bibliográfico de estudos em aquisição de linguagem em revistas de linguística brasileiras: um enfoque para a morfologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, 2022, p. 425-455. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.325-355>

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERKO, J. The child's learning of English morphology. *Word*, v.14, p.150-177, 1958. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00437956.1958.11659661>.

BORGES, V.P. *Consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização: produção e reconhecimento de morfemas*. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2015.

BORGES, V. P.; MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Processamento dos afixos do PB: o reconhecimento de morfemas por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 582-594, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26422>.

CÂMARA JÚNIOR. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CARLISLE, J. F. Morphological awareness and early reading achievement. In: FELDMAN, L. (org.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 189-211.

CARLISLE, J. F.; NOMANBHOY, D. M. Phonological and morphological awareness in first graders. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 14, p. 177–195, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716400009541>.

CICLISTA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Aurélio: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 14 nov.2021.

CLARK, E.V. Morphology in Language Acquisition. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A.M. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2001. p. 374-389.

CORREA, L. M. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 339-383, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>.

DEACON, H.; KIRBY, J. Morphological awareness: Just «more phonological»? The roles of morphological and phonological awareness in reading development. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 25, p. 223-238, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1017.S0124716404001117>.

DURÃO, J. H. C. *Consciência morfológica e desenvolvimento da escrita*. 2016. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, 2016.

FERRARI NETO, J. Passos em direção a uma teoria da aquisição da morfologia. In: TAVEIRA DA CRUZ, R. (org.). *As interfaces da gramática*. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 215-239.

FIGUEIRA, R. A. A criança na língua. Erros de gênero como marcas de subjetivação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 29–48, 2005. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v47i1/2.8637268>.

GOMBERT, J. *Metalinguistic Development*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1992.

GONÇALVES, C.A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GOULART, T. T. P. D. *A Produção de Formas Verbais Irregulares por Crianças Falantes do Português Brasileiro (PB)*. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2015.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão monousuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KIRBY, J.; DEACON, H.; BOWERS, P.; IZENBERG, L.; WADE-WOOLLEY, L.; PARRILA, R. Children's morphological awareness and reading ability. *Reading and Writing*, v. 25, p. 389-410, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11145-010-9276-5>.

LIMA, P. A. N. de. *Morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro na fala de crianças de dois a sete anos de idade*. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LORANDI, A. *Formas Morfológicas Variantes na gramática infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade*. 2006. 185 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

MACHADO, M. J. M. da C. *Implicações da consciência morfológica no desenvolvimento da escrita*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, 2011.

MOTA, M. O papel da consciência morfológica para a alfabetização em leitura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 159-166, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000100019> Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/yXpcpvp4pYp4vqDpLRbxmhG/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MOTA, M. Explorando a relação entre consciência morfológica, processamento cognitivo e escrita. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, n. 1. p. 159-166, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100010>

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 3.ed. Campinas: Pontes, 1991.

NUNES, T.; BRYANT, P. *Improving literacy by teaching morphemes*. London: Routledge, 2006.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Dados eletrônicos. Curitiba: Ed. UFPR, 2020.

SEIXAS, M. C. P. *O desenvolvimento da Consciência Morfológica em Crianças de 5 anos*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, 2007.

TIGHE, E.L.; BINDER, K.S. An investigation of morphological awareness and processing in adults with low literacy. *Applied Psycholinguists*, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 245-273, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716413000222>.